

ALIENÍGENAS NO PASSADO DO BRASIL

Casos Insólitos antes de 1947



Edison Boaventura Júnior



Alienígenas no Passado do Brasil

Casos insólitos antes de 1947

Edison Boaventura Júnior

Capa: Philipe Kling David

1ª Edição
Edição do Autor
São Paulo – SP
2015

Copyright© 2015 por Edison Boaventura Júnior

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte do conteúdo deste livro poderá ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja ele impresso, digital, áudio ou visual sem a expressa autorização por escrito do autor, sob as penas criminais e ações cíveis cabíveis.

Para solicitar permissões de reprodução, escreva para o autor nos e-mails: boaventura_gug@hotmail.com ou edison@ufologo.com.br

ISBN: 978-85-920460-1-9

Índice

Índice

Dedicatória

Agradecimentos

Sobre o autor

Prefácio

Introdução

Tribo selvagem devorou aliens

Ser prateado causa espanto

Um “capacete reluzente” na cabeça

Ser humanóide com “pés de pato”

Tripulantes perto do Convento

Gigantes de orelha pontiaguda

Seres de “Letuvira”

Escapando de uma abdução

Abdução no Brasil Colônia?

Primeira abdução em São Paulo

Uma revelação espantosa!

Conclusão final?

Bibliografia

Dedicatória

Dedico esta obra a Deus que me deu vida, ânimo, inteligência e criatividade, dando-me força para caminhar em busca dos meus objetivos.

Também dedico aos meus pais, Edison Boaventura e Vanilde Luzia Boaventura que me trouxeram ao mundo e me ensinaram a não temer desafios e a superar obstáculos com humildade.

Dedico ainda, aos meus familiares em geral, em especial a minha esposa Margareth Orlandi Boaventura, aos meus filhos Edison Boaventura Neto, Maris Stela Selene Boaventura e Arthur Gregório Boaventura, aos meus enteados Amanda Orlandi Lima e Andrey Orlandi Lima, que compreenderam a necessidade de minhas ausências e a minha dedicação para a realização deste ousado livro.

Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos a todos que de certa forma colaboraram para a elaboração e também no conteúdo deste livro.

Agradeço a colaboração dos pesquisadores e ufólogos, listados a seguir em ordem alfabética:

Antônio Pedro da Silva Faleiro (Passa Tempo – MG)
Armando Luiz Ferreira Póvoas (Guarujá – SP)
Carlos Alberto Machado (Curitiba – PR)
Carlos Augusto Saraiva de Maria (Guarujá – SP)
Cataldo Bove *in memoriam* (Campinas – SP)
Celso de Martin Serqueira (Cambuquira – MG)
Claudeir Covo *in memoriam* (São Paulo – SP)
Clério José Borges de Sant’Anna (Serra - ES)
Fernando Grossmann *in memoriam* (São Paulo – SP)
Jamil Vila Nova (Guarujá – SP)
João Américo Peret *in memoriam* (Rio de Janeiro – RJ)
José Carlos Rocha Vieira Júnior (Campinas – SP)
José Victor Soares *in memoriam* (Gravataí – RS)
Maya Alice Ekman *in memoriam* (Peruíbe – SP)
Pablo Villarrubia Mausó (Madrid – Espanha)
Rogério Porto Breier (Gravataí – RS)
Walter Lacerda Barbosa (Joinville - SC)

Agradeço também as pessoas que me forneceram seus depoimentos, listadas a seguir em ordem alfabética:

Antônio da Silveira Bezerra *in memoriam* (Santos – SP)
Antônio de Moura *in memoriam* (São Paulo – SP)
José Florêncio (Campinas – SP)
Lucinda Alves *in memoriam* (Guarujá – SP)
Nadier Jorge da Mota *in memoriam* (Iporanga – SP)

Sobre o autor

Edison Boaventura Júnior nasceu no dia 12 de dezembro de 1966, na cidade de Santos, no litoral do estado de São Paulo.

Viveu por cerca de 30 anos no Litoral Paulista, sendo que também esteve morando temporariamente em muitos outros estados brasileiros, onde realizou notórias investigações ufológicas.



Ilustração 1 – Edison Boaventura Júnior durante as gravações do programa televisivo History Channel

Pesquisa o tema Ufologia desde 1981, adotando a linha científica nas pesquisas, tendo investigado centenas de episódios, envolvendo abduções, desaparecimento de pessoas, aterrissagens e observações de objetos voadores não identificados, na maioria dos episódios ocorridos no litoral norte e sul do estado de São Paulo.

Fundou em 04 de agosto de 1985 o GUG – Grupo Ufológico de Guarujá e, é o atual presidente desta importante instituição ufológica.

Possui diversos trabalhos publicados em livros, revistas, jornais e periódicos de vários países. Realizou 17 eventos no Litoral Paulista, levando Cultura e por vezes, realizando eventos sociais com a arrecadação de alimentos não perecíveis para o fundo social do município de Guarujá – SP.

Participou como conferencista de vários eventos (congressos, simpósios, etc.) nacionais e internacionais. Destaque para o “*Primer Congreso Oviniológico Chileno Internacional*”, em Santiago, de 21 a 23 de junho de 1996, quando abordou o “*Caso Varginha*”.

Participou de vários programas de televisão, tanto nacionais como internacionais (*History Channel*, TV + da França e Bélgica, etc.). Além de programas de rádio.

Participou intensamente da investigação do “*Caso Varginha*”, ocorrido na cidade mineira em janeiro de 1996. É um dos integrantes do “Grupo dos 7”, formado para pesquisar este importante caso, sendo que estes sete pesquisadores tiveram acesso irrestrito a todo o material coletado e produzido naquela época (vídeos, gravações em fita K-7, etc.).

Em 05 de novembro de 1996 foi convidado pelo Coronel Aviador Marco Aurélio Ferreira da Gama, comandante da BAST – Base Aérea de Santos para ministrar palestra sobre Ufologia.

Foi vice-presidente do INFA – Instituto Nacional de Fenômenos Aeroespaciais, sediado em São Paulo capital e também diretor da entidade americana MUFON – Mutual UFO Network, à convite do ufólogo Walter H. Andrus Jr.

No dia 09 de maio de 2000, recebeu homenagem (moção nº 023/2000) da Prefeitura Municipal de Guarujá, pelos serviços prestados à população no esclarecimento do tema Ufologia e pelos importantes estudos e pesquisas em prol do desenvolvimento da Ufologia Brasileira.

É apresentador do programa no *Youtube*, intitulado “*Enigmas e Mistérios*” e escreve artigos, periodicamente, para o Portal Burn – *Brazilian Ufo Research Network* (www.portalburn.com.br), onde ocupa o cargo de diretor de pesquisa de campo.

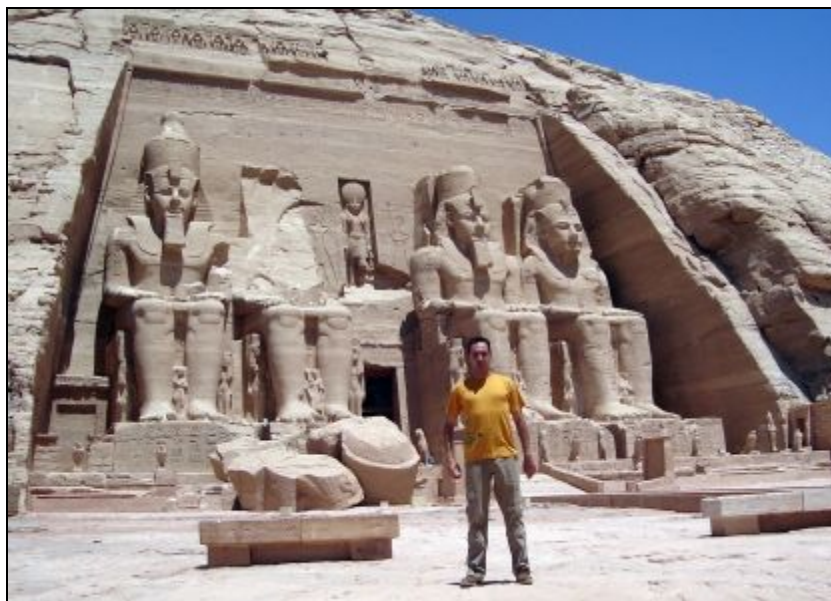


Ilustração 2 – Edison em Abu Simbel, no Egito

Viajou para vários países para investigar o Fenômeno OVNI, como por exemplo, no Egito, Grécia, Turquia, Israel, Japão, Emirados Árabes, Inglaterra, França, México, Peru, Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile.

Atualmente vem desenvolvendo levantamentos sobre a atuação de militares brasileiros em pesquisas ufológicas empreendidas em território nacional. É o pesquisador brasileiro que possui a maior quantidade de documentos oficiais sobre o assunto, provenientes da Aeronáutica, Exército, Marinha, SNI (ABIN) e Polícia Civil e Militar.

O Autor é bacharel em Teologia com pós em Ensino Religioso e também, ocupa cargo de Gerência no Banco do Brasil S/A.

Contatos: boaventura_gug@hotmail.com ou edison@ufologo.com.br

Para saber mais sobre o Fenômeno OVNI, acesse o site: www.portalburn.com.br

Prefácio

Quando fui convidado para fazer o prefácio deste livro, confesso que foi um misto de honra com desespero. Afinal, é uma grande responsabilidade, falar sobre o autor, sobre a obra, e deixar você leitor, com vontade de “se jogar” nessa aventura que é a Ufologia.

O que falar de Edison Boaventura Júnior? Lembro quando eu comecei a conhecer o assunto, ler revistas, e um dia em um evento, conheci ele e o seu trabalho.

Acabamos nos tornando colegas com interesse mútuo no tema, e após um tempo nos tornamos amigos.

Nas voltas que a vida dá, perdemos o contato por alguns anos, mas amizades verdadeiras não se apagam com distância ou o tempo, e muito tempo depois, graças a outro amigo comum, o pesquisador Carlos Alberto Machado, nos reencontramos e hoje posso falar que o Edison é mais que um amigo, hoje é um irmão, um irmão na vida, e um irmão nas pesquisas ufológicas.

Posso dizer que aprendi muito com o Edison na Ufologia, seja na ética, seja na metodologia de pesquisa, tanto de gabinete ou no campo, ou ainda na forma de expor as nossas descobertas para o público. Hoje, tenho a honra de tê-lo como Diretor de Pesquisa de Campo da Rede Brasileira de Pesquisas Ufológicas, grupo ao qual presido.



Ilustração 3 – Josef e Edison durante as gravações do programa Fantástico na TV Globo

Quando o Edison me disse que ia escrever um livro sobre contatos com possíveis extraterrestres no passado do Brasil, achei uma idéia excelente.

Existe um mito dentro da Ufologia, que é muito mais forte no meio cético fora dela, que afirma que os relatos sobre OVNI's, seres estranhos, visitantes vindos do céu, etc., passaram somente a ocorrer após ter se tornado público o famoso avistamento do piloto Kenneth Arnold, que avistou nove OVNI's em formação próximo ao Monte Rainier, Washington, em 24 de junho de 1947, data que acabou ficando estabelecida como o início da “Era Moderna” da Ufologia.

Este livro, que é único em seu conteúdo, reúne em uma só obra mais de 10 casos envolvendo algum tipo de contato entre possíveis seres extraterrestres e brasileiros, desde o Brasil colônia. Tribos indígenas que afirmam ter “comido” seres extraterrestres, seres prateados na baixada santista, gigantes de orelhas pontiagudas, uma quase abdução no Paraná e até uma abdução no Brasil colônia.

Como alegar que estas pessoas foram influenciadas pelo relato de Arnold e pelos filmes de Hollywood?

Tenho certeza que este livro vai trazer a você relatos que você nunca viu antes, e vai te deixar naquela situação complicada onde por um lado você obterá muitas respostas para as suas pesquisas na Ufologia, mas também, sairá com várias perguntas sobre estes insólitos e desconhecidos visitantes, que nos amedrontam e nos fascinam.

Boa leitura!

Josef David S. Prado

Introdução

Esta obra tem o objetivo de preencher uma lacuna existente na Ufologia Brasileira, que é a divulgação em uma única publicação, de todos os casos brasileiros conhecidos, envolvendo tripulantes, abduções e contatos que ocorreram antes do que se convencionou chamar de “*Era Moderna dos Discos Voadores*” – que ficou marcada principalmente, pela divulgação na imprensa internacional do clássico avistamento de discos voadores presenciado pelo piloto norte-americano Kenneth Arnold, em 24 de junho de 1947, no estado de Washington, nos Estados Unidos.

Apresentarei duas lendas indígenas e alguns casos envolvendo tripulantes e ainda, mais outros casos sobre abduções e contatos, sendo que o caso de abdução mais antigo, com todas as características deste tipo de contato e registrado pela imprensa no Brasil, teria ocorrido na cidade de Campinas, no estado de São Paulo, em 1931.

Além destes intrigantes e excepcionais casos, uns extraídos de jornais antigos e outros por meio de pesquisas realizadas pelo GUG – Grupo Ufológico de Guarujá com as testemunhas, abordarei também mais um caso clássico paranaense que teve como protagonista o topógrafo José C. Higgins, ocorrido após 29 dias da divulgação do caso clássico norte-americano.

Resolvi incluí-lo neste livro, por ter sido retomada a pesquisa em 2010 pelos pesquisadores Carlos Alberto Machado e Pablo Villarrubia Mauso e ainda, aliado ao fato de ter sido um dos primeiros e importantes episódios brasileiros envolvendo tripulantes dos famigerados objetos voadores não identificados (OVNIs), com maior repercussão jornalística naquela época, em nosso País.

A Ufoarqueologia, ou seja, esta paraciência que estuda a presença de evidências arqueológicas nas pinturas rupestres, nos petroglifos, nas esculturas, etc. que trazem um contexto ufológico na tipologia de objetos voadores e seres estranhos não serão abordados neste livro, pois me ative neste momento somente aos casos do século XVI em diante.

Não tenciono encerrar o assunto, pois certamente muitos outros casos desta natureza poderão surgir para agregar maior valor aos fatos até

hoje conhecidos.

Não poderia iniciar o relato destes casos, sem antes fazer uma leve abordagem sobre o folclore e as lendas indígenas brasileiras que retratam estas criaturas e “*deuses*” e que se encaixam perfeitamente nas tipologias alienígenas conhecidas e pesquisadas na atualidade.

Saliento também que, existem pesquisas e estudos comparativos de alguns pesquisadores brasileiros que demonstram a conexão destes seres lendários que estão presentes na Cultura brasileira como sendo os tripulantes dos OVNI's, vistos na atualidade. Por exemplo, o pesquisador mineiro Antônio Pedro da Silva Faleiro, que escreveu o livro: “*Discos Voadores e Seres Extraterrestres no Folclore Brasileiro*” sinaliza em sua obra que o “*Curupira*”, “*Mãe-d'água*” e outros seres mitológicos poderiam ser perfeitamente interpretados dentro da casuística ufológica.

Assim, o assunto é extenso, complexo e intrigante. Boa leitura e se surpreenda!



Ilustração 4 – Desenho de um dos casos insólitos ocorridos em 1946 no Litoral Paulista

Nas lendas indígenas

No Passado mais remoto, as tribos indígenas existentes em diversos outros países já revelaram para o mundo o seu contato com os objetos voadores não identificados e os seus tripulantes, mencionando também a descida das estrelas desses chamados “*deuses*”, que povoam as suas lendas, as suas tradições e os rituais até os dias atuais.

O escritor suíço Erich von Däniken em seus livros de Realismo Fantástico retratou várias destas histórias e lendas.

Em território brasileiro não é diferente, pois várias tribos contam também que algumas de suas “*divindades*” são provenientes do céu e chegaram em aparelhos voadores estranhos.

Um dos casos brasileiros mais contundentes trata-se de uma lenda indígena sobre um ser intitulado “*Bep-Kororoti*”. Esta lenda foi contada pela nação Kayapó, que vive na região amazônica e, foi divulgada primeiramente pelo pesquisador e indianista João Américo Peret.

Em 1962, Peret acompanhado do sertanista Francisco Meireles e do indianista Cícero Cavalcante, chegaram a fotografar um ritual onde estes índios se vestiam com roupas similares a do seu herói mítico “*Bep-Kororoti*”.

Às margens do rio Fresco, no Pará, Peret escutou atônito de um dos integrantes da nação Kayapó este mito fantástico! A lenda afirmava que há muitas gerações atrás um ser das estrelas, em sua “*canoa voadora*”, desceu entre eles, chegando inclusive, a viver por um tempo na tribo. Este ser era chamado “*Bep-Kororoti*” e trajava uma roupa especial denominada “*Bô*”, que o cobria dos pés a cabeça. Na cabeça havia um aparato semelhante a um “*capacete*”.

Inicialmente, “*Bep-Kororoti*” foi temido pelos índios, pois ele portava “*Kob*” – a “*barduna trovejante*”, que era uma espécie de arma que quando apontada para alguma árvore ou pedra, fazia a mesma em vários pedaços.



Ilustração 5 – Roupas do “Bep-Kororoti” em festas rituais são muito similares com as vestimentas dos astronautas atuais

Com o tempo, os Kaiapós se acostumaram com aquela “divindade”, sendo que ele habitou naquela tribo sendo uma espécie de mestre que ensinou várias práticas que são seguidas até hoje por aquela nação indígena.

Porém, certo dia, “Bep-Kororoti” subiu até o topo da serra “Pukatôti” e voltou ao céu, envolto em nuvens flamejantes, fumaça e barulho de trovão. No local ficou uma destruição e, o solo ao redor, todo calcinado!

De tempos em tempos é realizada na tribo uma festa ritualística para homenagear “Bep-Kororoti” e os índios se vestem com roupas de palha imitando a vestimenta daquela “divindade”. Curiosamente, a roupagem estilizada lembra muito uma vestimenta utilizada pelos astronautas atuais.

Infelizmente, não é possível precisar a data do início desta lenda, mas para imortalizá-la o indianista Peret escreveu um artigo que foi publicado na revista “O Cruzeiro”, na sua edição do dia 29 de março de 1972.

Tribo selvagem devorou aliens

Em 1995, o pesquisador Rogério Porto Breier, da UBPDV – União Brasileira para a Pesquisa de Discos Voadores, traduziu um artigo da revista mexicana “*Reporte OVNI*” nº 53, produzida em julho de 1995, intitulado “*Tribo selvagem devorou seis extraterrestres*”.

Na edição nº 38 de outubro a dezembro de 1995, do Boletim SUPYSÁUA (produzido pelo Grupo Ufológico de Guarujá), nas páginas nº 6 e 7, foi reproduzida a tradução feita pelo pesquisador gaúcho, que transcrevo a seguir:

“Uma tribo de canibais brasileiros matou e comeu seis extraterrestres que aterrissaram numa missão de paz durante o ano de 1936”. Estas são as declarações do doutor Fritz Greder, antropólogo que viajou ao Brasil para conhecer a forma de vida de diferentes tribos, e que fez surpreendentes declarações em março de 1989, depois de seu regresso. Assegurou ter mantido contato com um selvagem de uma tribo do Mato Grosso, que lhe narrou toda a história, ocorrida há quase sessenta anos.

“É uma história fantástica”, disse a repórteres de Zurique, “mas estou convencido de que tudo é verdade. O chefe canibal com quem falei tem cerca de cem anos de idade, mas sua memória e sua mente são muito coerentes. O chefe recordou claramente a chegada dos extraterrestres numa nave prateada e descreveu as criaturas que desceram do veículo espacial, dizendo que foram assassinados por sua tribo porque, segundo eles, se comportavam de forma muito estranha. Segundo seu relato, os extraterrestres tinham um leve sabor de peixe e, quando lhe foi perguntado se havia comido outro tipo de carne, disse que a carne humana é muito semelhante a carne de porco”.

O doutor Greder declarou haver conhecido o chefe enquanto estudava a vida das tribos nas florestas brasileiras durante o ano de 1988. Durante a sua estada, soube ganhar a confiança dos chefes das tribos onde chegava, e foi assim que o velho dirigente dos canibais aceitou contar a ele este fato ocorrido em 1936.

Greder salientou: *“O chefe disse que os extraterrestres chegaram numa época em que sua tribo estava em guerra. Disse também que tinham*

uma estatura pequena, não sendo maiores que uma criança de dez anos, mas sua aparência era estranha, já que tinham uma cor pardacenta na pele. Isto fez com que os canibais acreditassem que se tratavam de animais e que poderiam comê-los. Disse que suas pernas tinham gosto de coxas de rã e que a textura de sua carne era suave, cozinhando rapidamente. Explicou também que alguns humanos, quanto mais velhos estão, mais demoram para suavizar com o fervor, enquanto que os extraterrestres cozinharam logo”.

O chefe canibal deu muitos dados sobre a forma destes seres. Disse que tinham olhos grandes e protuberantes. Possuíam uma cabeça maior em proporção ao resto do corpo, tinham braços delgados, como os das rãs, e seus dedos estavam unidos por membranas. Depois de comer sua carne, colocaram seus ossos como troféus.

Greder salienta: “Eles (os extraterrestres) se comunicaram com a tribo em seu dialeto nativo e insistiam em dizer que haviam vindo à Terra numa missão de paz”.



Ilustração 6 – Periódicos estrangeiros que divulgaram este insólito caso ocorrido em uma tribo indígena

“No princípio tiveram boas relações com os selvagens, mas depois de dois dias, quando os canibais descobriram os seres examinando uma criança, suspeitaram deles e pensaram que suas intenções não eram tão boas quanto diziam. Depois de uma breve reunião entre eles, os selvagens decidiram matá-los e cozinhá-los. Assim foi como tudo aconteceu”, concluiu Greder.

Ao ser perguntado sobre a forma da nave, o chefe canibal disse que era uma luz branca, muito intensa, e que desapareceu depois que os extraterrestres morreram. Greder não duvidou em nenhum momento da veracidade da história contada pelo chefe, o qual disse também que, após perceberem que a luz branca de onde vinham os seres havia desaparecido, sentiram-se culpados pelo que tinham feito e mantiveram esta história em segredo durante todos estes anos.

Este episódio é incrível, todavia eu não posso afirmar com 100% de certeza que se trate de um episódio real. Todavia, alguns sites na Internet veiculam este fato, bem como outras revistas especializadas em Ufologia.

Também no livro editado por Jonathan Benthall, em 2002, cujo título é “*The Best of Anthropology Today*”, em sua página nº 164 (Parte 5), lemos o caso resumidamente. É uma pena que não se tenha dados mais precisos de qual tribo de Mato Grosso que teria sido o palco da veiculação desta estranha ocorrência.

Ser prateado causa espanto

O primeiro caso de observação de um ser estranho no Litoral Paulista que poderia estar associado ao Fenômeno OVNI, ocorreu em 1925, na Vila Belmiro, na cidade de Santos - SP.

Por volta das 18:00 horas, foi avistado um ser alto e de aparência estranha que foi testemunhado por Lucinda Alves e suas amigas.

“Na época eu morava em um sobrado na Rua São Paulo, em Santos e eu tinha oito anos de idade. Eram quase seis horas da tarde e eu me encontrava brincando de roda com umas amigas na rua em frente de casa. De repente, escutamos um som como se fosse uma ladainha ou zumbido e apareceu um estranho ser vestido com uma roupa inteiriça prateada dos pés a cabeça. Percebemos que tinha um bastão metálico e luminoso nas mãos. Pensei que fosse uma vela, mas quando ele veio em nossa direção, vi que era algo diferente. Saímos correndo, cada uma para sua casa e não vimos para onde foi aquela assombração”, afirmou Lucinda Alves para os pesquisadores do GUG – Grupo Ufológico de Guarujá.

Lucinda estimou que o ser prateado tivesse cerca de dois metros de altura e disse que jamais voltou a ver o homem de novo. Entretanto, jamais se esqueceu do fato, por ter sido algo que marcou a sua vida pelas características inusitadas daquela aparição.

Quando ela forneceu o seu depoimento, anos depois aos pesquisados do GUG, disse que: *“Hoje, sei que o que eu e minhas amigas vimos pode estar relacionado a um ser dos discos voadores, tão divulgados na TV hoje em dia”.*



Ilustração 7 – Lucinda Alves observou a estranha aparição em Santos - SP

A senhora Lucinda Alves é a minha avó por parte de pai e, sempre foi uma pessoa lúcida, convincente e nunca mudava nenhum aspecto em seu relato quando me contava, esporadicamente, este insólito “*causo*”.

Um “capacete reluzente” na cabeça

Outro fato ocorrido em 1925, no morro do Imperador, em Juiz de Fora, estado de Minas Gerais, ficou registrado em pelo menos três jornais brasileiros daquela época: “Gazeta Commercial”, “O Combate” e “O Fifó”.

No dia 16 de janeiro de 1925, na capa do jornal “O Combate” nº 2868, publicado em São Paulo capital, tivemos a seguinte notícia, que transcrevo a seguir, cujo título foi “*Apparições*”:

“A notícia que se segue vae por conta da nossa collega a “Gazeta Commercial”, de Juiz de Fora: Desde alguns dias, numerosos grupos de populares affluem, alta hora da noite, à rua Tiradentes afim de observarem uma curiosa apparição, que, segundo muita gente affirma, surge, de meia-noite em deante, de intervallo a intervallo, nas encostas do morro do Imperador.

Tão curiosa apparição, dizem, se apresenta em forma de mulher, vestida de azul, trazendo um capacete reluzente à cabeça.

Muitos populares hontem nos procuraram, afim de nos affirmarem terem defrontado tão mysteriosa apparição.

Será o prenúncio de algum acontecimento notável, assim como o anjo de S. Matheus o foi da paz de S. Paulo!”



Ilustração 8 – Página do jornal “O Fifó”, de 12/04/1925

O que chama a nossa atenção nesta informação jornalística é que uma das características da estranha aparição em forma de mulher, em cima do morro do Imperador, era o capacete reluzente!

Se fosse um anjo ou uma aparição mariana, certamente não seria descrita desta forma. Então, o que seria tal avistamento naquelas paragens mineiras?

No jornal cuiabense intitulado “O Fifó”, da edição do dia 12 de abril de 1925, ainda se falava deste assunto, pois esta aparição durou vários meses naquela localidade, sendo observado por centenas de pessoas. Além

do caso da estranha mulher, o periódico divulgou que no bairro de S. Matheus, em Belo Horizonte – MG, houve também a observação de um anjo por umas crianças e por um cavalheiro. Tal anjo atravessou voando por cima da torre da igreja e era “*louro, de vestido prateado*”. Este fenômeno classificado como angelical, naquela época, aconteceu antes das aparições da mulher com o curioso capacete reluzente na cabeça.

Naqueles meses em que o fenômeno estava sendo observado, os oficiais e praças do 2º Batalhão da Força Policial de Minas Gerais, que estavam aquartelados em Juiz de Fora – MG, realizaram uma festiva excursão com acampamento ao morro do Imperador, com atividades esportivo-militares.

Não há menção se este fato estaria associado àquela aparição da mulher misteriosa, mas na revista carioca *Fon-Fon* nº 15, da edição do dia 11 de abril de 1925, estavam estampadas 3 fotografias tiradas no morro, durante aquelas atividades.



Ilustração 9 – Uma das 3 fotografias da excursão militar no morro do Imperador: este acampamento naquele local estaria relacionado àquela estranha aparição?

Este episódio mineiro é intrigante e na casuística ufológica clássica mundial encontramos vários casos com tripulantes, tanto masculinos como femininos, portando uma espécie de capacete ou escafandro!

Ser humanóide com “pés de pato”

Durante uma expedição realizada na Serra do Mar, no período de 16 a 20 de abril de 1987, por dois integrantes do GUG – Grupo Ufológico de Guarujá, Walter Lacerda Barbosa e este autor, foi realizada uma entrevista com o senhor Raymundo Carvalho (de 67 anos) que nos contou um caso ocorrido em 1930, na Madureira, próximo ao final do Irajá, no estado do Rio de Janeiro.

Contou Raymundo que era tarde quando ele e seu amigo Adelino viram uma bola em forma de fumaça no cemitério do Irajá.

Adelino disse: “*Vamos ver o que é aquilo Raymundo?*” Eles foram até o cemitério, mas foram impedidos de entrar pelo porteiro do mesmo. Então, eles voltaram e após andarem várias quadras, chegaram até um terreno baldio, onde Adelino observou uma mangueira carregada e falou: “*Quanta manga no pé!*”

Adelino pegou o estilingue e atirou atingindo uma das frutas que caiu ao chão. Ele rapidamente correu e foi apanhá-la, mas voltou correndo e desesperado.

“*O que está acontecendo?*”, disse Raymundo para Adelino que já ia longe, correndo.

Então Raymundo atravessou a cerca e após ter erguido os olhos, se deparou com um ser disforme, trajando uma roupa cinza, colante ao corpo. Este ser apesar de ter semelhanças humanas possuía pés com membranas, como “*pés de pato*”, conforme afirmou Raymundo.

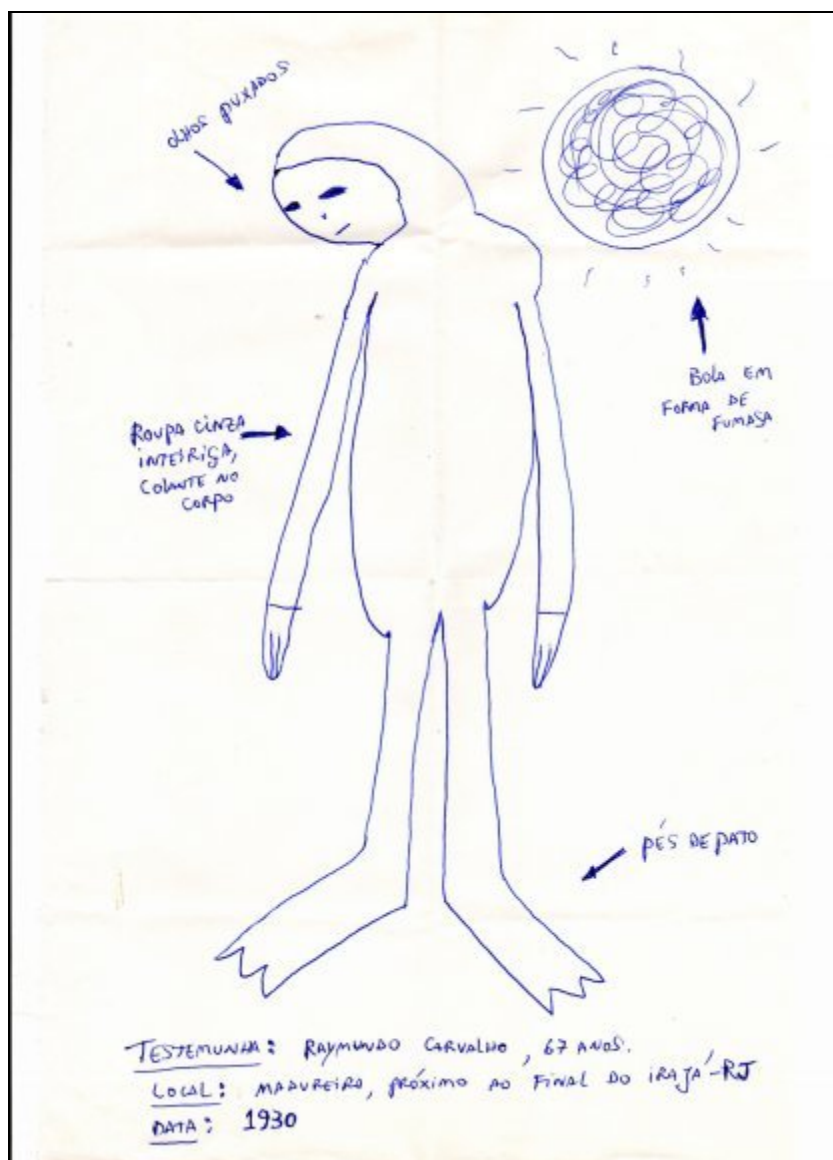


Ilustração 10 – Desenho da criatura avistada

A estranha criatura permaneceu imóvel e encostada no tronco da mangueira, enquanto Raymundo saía para a estrada em desabalada carreira, inclusive ultrapassando o colega, Adelino, tamanho susto que levou. Temporariamente, o garoto Adelino perdeu a voz e Raymundo jamais se esqueceu daquele fato aterrador.

Esta tipologia com “*pés de pato*” já foi descrita em outros casos ufológicos que ocorreram fora do Brasil, como por exemplo, o caso ocorrido em Cussac, França (1967) e em Emilcin, Polônia (1978).

A lenda brasileira do Caboclo d’água ou “*Uaiara*” como foi difundida pelos índios Tupinambás, descreve uma criatura mítica que habita as águas e que segundo as descrições das pessoas que o viram, seria um

humanóide de estatura pequena, com cabelos compridos e com mãos e os pés de pato. Esta lenda está presente no folclore dos estados da Bahia, de Minas Gerais, dentre outros.

Estaria esta lenda correlacionada com os fatos ufológicos? Ou seja, um contato com um tripulante poderia ter se perpetuado nos mitos e lendas dos nativos que habitaram no passado do Brasil?

Tripulantes perto do Convento

Em 2002, este autor entrevistou o senhor Antônio de Moura (de 79 anos), que afirmou ter visto no ano de 1934, por volta do meio-dia, uma *“estranha bola de fogo de forma alongada”* que estava parada a baixa altura na Ladeira das Sete Voltas que dá acesso ao Convento da Penha, na cidade de Vila Velha, no estado do Espírito Santo.

Indagado sobre o avistamento, Antônio contou: *“eu tinha por volta de 11 anos de idade quando eu e meu pai vimos uma estranha bola de fogo de forma alongada e que resplandecia como metal. Estava parada na estrada da Ladeira do Convento da Penha. Observamos dois vultos brilhantes que estavam ao lado do aparelho. Naquela idade que eu tinha, pensei que eram fantasmas ou anjos. Meu pai olhou por uns minutos aquela visão e resolveu voltar para trás. Então, fomos embora e não vimos mais nada”*.

Quando perguntado sobre detalhes dos seres avistados e se havia ruído, a testemunha respondeu: *“Não ouvi som algum e as figuras fantasmagóricas pareciam que estavam com túnicas brancas brilhantes dos pés a cabeça, eram altos e realizavam movimentos como que deslizando em torno da bola de fogo e tinham uma espécie de bastão metálico com uma luz vermelha na ponta que seguravam em uma das mãos”*.

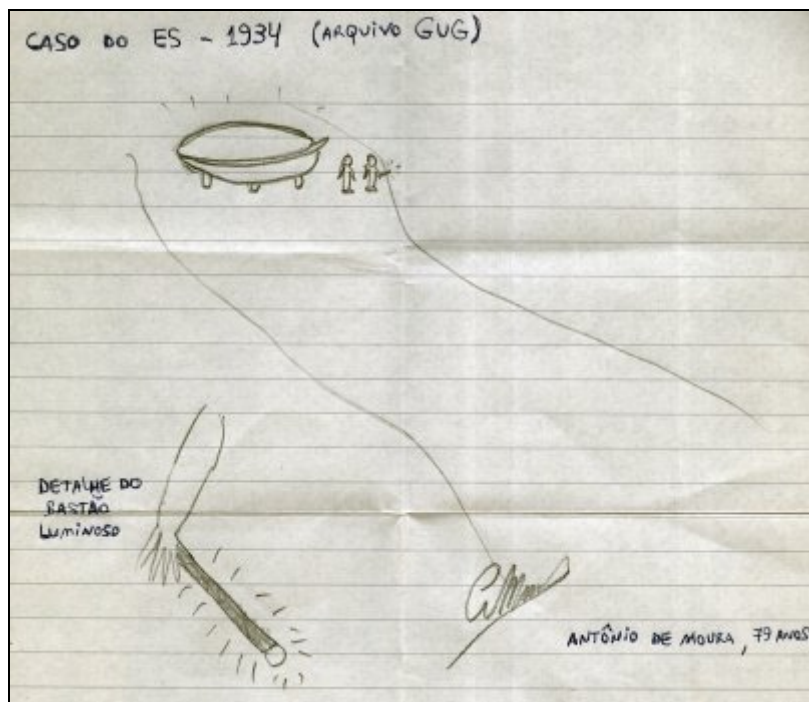


Ilustração 11 – Desenho da nave e dos tripulantes avistados. Detalhe ampliado do bastão luminoso que uma das criaturas portava em uma de suas mãos

Durante a entrevista foi informado que o OVNI teria uns oito metros de comprimento e três metros de altura e se sustentava sobre um tripé. Antônio não observou asas, hélices e nenhuma protuberância naquele objeto, como por exemplo, janelas, portas, etc., devido ao intenso brilho que emanava do objeto apesar de ser uma manhã ensolarada.

Gigantes de orelha pontiaguda

No ano de 1987, o senhor Antônio da Silveira Bezerra (de 69 anos), afirmou aos pesquisadores do GUG, que viu seres altos e com “*cara de gato*”, acompanhados de uma nave espacial. O caso ocorreu no 1º semestre de 1946, por volta das 18:00 horas, na Praia de Pitangueiras, em Guarujá, no estado de São Paulo.

“Naquela época eu tinha 28 anos de idade, era muito moço e ativo. Lembro que foi no mês antes da proibição do jogo nos cassinos. Então, por volta das seis horas da tarde, eu vi nas cercanias do Hotel La Plage, na Pitangueiras uma cena estarrecedora. Dois seres altos e brancos, de cerca de 2,10 metros de altura, orelha pontiaguda, olhos pretos e feições parecendo com a dos gatos. Fiquei muito assustado e intrigado com aquela visão e além da aparência horrível, percebi que tinham apenas três dedos”, contou Bezerra.

Os exóticos seres vestiam uma roupa azul metálica e cada um tinha em uma de suas mãos uma varinha com uma bola luminosa na ponta, de cor branca. *“De repente escutei um barulho de zumbido de abelhas e percebi que o som vinha de um aparelho arredondado com hastes na parte inferior. Possuía janelas amarelas e luz vermelha na cúpula do objeto. Aquele tripé estava fincado no solo. Saí correndo de medo e no dia seguinte vi uns buracos no local”, complementou a testemunha.*

Ele informou ainda que, o objeto deveria ter uns sete metros e meio de comprimento e uns três metros de altura e não viu pegadas no local. Naquela noite, ao chegar em sua casa, contou o fato apenas para os parentes próximos. Entregou aos pesquisadores do GUG um desenho da nave e dos seres que ele fez algum tempo depois da estranha aparição.



Ilustração 12 – Desenho da nave e das criaturas com “cara de gato” avistadas em Guarujá - SP

Embora seja raro o aparecimento desta tipologia com “cara de gato”, existem outros casos deste tipo ocorridos no Brasil, como por exemplo, o caso ocorrido em Itajubá – MG (1967) e em Iporanga – SP (1996). Em outros países também já foi registrado esta tipologia, sendo o mais famoso, o caso ocorrido em Santa Isabel, na Argentina (1972).



Ilustração 13 – Detalhe de uma das criaturas avistadas no Litoral de São Paulo

Homem alto e luminoso nas lendas

Localizada no Litoral Sul do estado de São Paulo, está a cidade de Peruíbe, famosa por suas aparições de objetos voadores não identificados, de seres estranhos e repleta de lendas pitorescas.

Lá se encontra um paredão rochoso conhecido como “Porta de Pedra” ou “Portal da Serpente”. Este local não muito distante do centro da cidade e, atualmente, um dos pontos turísticos, está localizado na estrada que vai de Peruíbe até o Guaraú, um pouco antes da prainha.



Ilustração 14 – Edison Boaventura Júnior na frente do “Portal da Serpente”, que mede pouco mais de 2 metros de altura

Aquela formação rochosa é sólida, firme, dura, mas se batermos em algumas partes da porta com uma pedra, ela ressoa por dentro um som oco. Sobre ela contam-se muitos casos e lendas que os antigos veneram.

O pórtico tem pouco mais de 2 metros de altura e cerca de 1,5 metros de largura. Contam os ideogramas e os contos entre os índios da região, que a porta e a serpente têm profundos significados. A “Porta de Pedra” está ladeada pelo símbolo do grande chefe Jura-para, ou seja, a “Serpente negra”, que para os indígenas é um símbolo sagrado.



Ilustração 15 – Desenho de Jamil Vila Nova

Periodicamente, são vistas “bolas de fogo”, saindo daquela rocha. Também há quem diga que já viu na frente daquela pedra, à meia-noite, em certas noites, um vulto gigante branco saindo pela porta, atravessando a pedra. Dizem os que viram, que o vulto é um homem alto luminoso, vestido de branco, com feições belas, louro, de luz suave como o luar. Este ser costuma ficar parado no meio da estrada, observando o céu, os arredores e o mar. Estas aparições são tidas como sagradas e são verbalizadas desde o início da década de 40.

Desde os tempos imemoriais em que os índios habitavam livremente aquela região, este ser lendário era avistado e, os moradores mais antigos de Peruíbe dizem que este estranho ser é considerado como o protetor e guardião de Peruíbe. Outras pessoas contam também que já viram vários desses gigantes louros andando pelas matas existentes na região. Porém, a intenção real desses seres ainda é um grande mistério!

Muitos historiadores e pesquisadores relacionam a figura da serpente com seres espaciais e a suas naves celestes. Se esta afirmativa estiver correta então, as pesquisas da senhora Maya Alice Ekman, hoje falecida e que morou toda a sua vida em Peruíbe, estão corretas. Segundo ela, todos esses fenômenos observados e constatados em Peruíbe atestam que temos compartilhado nosso espaço com seres que nos visitam e até mesmo moram ao nosso “lado”. Maya Ekman deixou suas impressões e teorias sobre estas lendas em livros que ela escreveu.

Seres de “Letuvira”

Na década de 90, alguns integrantes do GUG – Grupo Ufológico de Guarujá foram realizar vigílias noturnas com objetivo de gravar os fenômenos ufológicos que ocorriam na cidade de Iporanga, no estado de São Paulo.



Ilustração 16 – Nadier Jorge da Mota teve um contato com seres em 1941, em Iporanga - SP

Naquela ocasião, entrevistaram o senhor Nadier Jorge da Mota (de 54 anos), morador local, que narrou suas experiências de contato ocorridas no princípio da década de 40.

“As minhas experiências de contatado tiveram início em julho de 1941, quando eu tinha quatro anos de idade e eu estava condenado à morte, pois sofria de leucemia, doença chamada anemia profunda na época. Numa certa noite, eu acordei e percebi que estava tudo claro no rancho onde eu havia nascido. Resolvi então, sair e brincar no terreiro, pensando que já era dia, em virtude do banho de luz que clareava uma grande área. Sai e para surpresa minha, vi quatro seres que andavam flutuando a poucos centímetros do chão. Próximo dali, havia uma nave voadora, espécie de uma cabine, parada! De aproximadamente 2,50 metros de altura, 2,50 metros de largura e 5 metros de comprimento. Acima

daquela cabine havia um globo de luz. Foi me explicado, posteriormente, por um dos seres que aquele globo de luz seria o que impulsiona a cabine. Os quatro seres gostavam de ver o meu carrinho de carretel de linha, brinquedo este que foi construído pelo meu irmão. Durante as conversas que mantive com eles, tais seres se identificaram como habitantes do Planeta de Letuvira e conversavam sobre coisas relativas ao futuro, no campo político, religioso e até científico. Fiquei assustado, e em ato contínuo, gritei chamando meus pais. De repente, ficou tudo escuro e os seres se foram. Mais tarde tentei explicar aos meus pais o que tinha acontecido, mas eles não me compreenderam. Durante aqueles minutos em conversa com os quatro seres, eles prometeram que me libertariam da leucemia e me ensinariam a leitura de qualquer livro sem precisar frequentar a escola. E foi o que ocorreu. Radicalmente curado, peguei a Bíblia e comecei a ler sem ter frequentado a escola, para surpresa dos meus pais. E foi assim que tudo começou”, afirmou Nadier.

Em 1953 e 1954, o jovem Nadier teve outros avistamentos e em 1965, teve outro contato direto com os mesmos seres que o abordaram na década de 40.



Ilustração 17 – Foto de OVNI tirada por Jamil Vila Nova, em 20/04/1991, durante uma das vigílias noturnas realizadas pelo Grupo Ufológico de Guarujá no local onde o senhor Nadier tinha contato com os “globos de luz”

Durante os anos 90 em diante, o lavrador Nadier Jorge da Mora teve vários avistamentos de OVNI's que perduraram até a sua morte em 2010, sendo inclusive fotografados e filmados pela nossa equipe de pesquisa em várias ocasiões em que estivemos desenvolvendo pesquisas de campo naquela região.

Em 2008, uma equipe de reportagem da TV Record, do programa Balanço Geral, do apresentador Geraldo Luis, conseguiu obter filmagens de um OVNI na região do Mirante do Alto da Boa Vista, próximo ao PETAR – Parque Estadual e Turístico do Alto Ribeira.



Ilustração 18 – Filmagem de OVNI obtida pela equipe da TV Record, em 2008, no Mirante do Alto da Boa Vista, em Iporanga - SP

Escapando de uma abdução

O primeiro caso de tripulantes da “Era Moderna dos Discos Voadores” aconteceu no dia 23 de julho de 1947, em terras paranaenses, tendo como principal protagonista o topógrafo José C. Higgins.

Este caso ficou conhecido como o “Caso Higgins” e foi amplamente divulgado pela imprensa. Neste caso é reportado o avistamento de um OVNI discoidal e metálico de 30 metros de diâmetro, que pousou em um campo na Colônia Goio-Bang, próximo à localidade de Campina do Amoral, na época parte do município de Pitanga, no estado do Paraná.



Ilustração 19 – Manchete do jornal “A Noite” de 15 de agosto de 1947 sobre o caso. À direita, concepção artística dos seres avistados na Colônia Goio-Bang

Do interior da nave saíram três seres de 2,10 metros de altura e de aparência estranha que coletaram amostras. Em certo momento, notaram a presença do topógrafo e tentaram levá-lo a bordo do estranho objeto voador. Todavia, o senhor Higgins conseguiu escapar.

No jornal “Diário da Tarde”, do dia 8 de agosto de 1947, temos a seguinte transcrição do depoimento de Higgins que foi encaminhado por meio de carta:

"Eu estava, diz o Sr. José C. Higgins, no dia 23 de julho, a oeste da Colônia Goio-Bang, que fica a noroeste de Pitanga e a sudeste de Campo Mourão, realizando alguns trabalhos topográficos, quando, ao atravessar um dos raros descampados da região, um silvo profundo, porém baixo, me fez levantar e olhar para o céu. Vi, então, algo que me ouriçou os cabelos: uma estranha nave aérea, de forma circular, com os rebordos

absolutamente iguais aos de uma cápsula de remédio, descia do espaço. Meus homens, todos caboclos simples, fugiram espavoridos ante o que lhes era dado ver. E eu, não sei porque, resolvi ficar, para aguardar os acontecimentos. O estranho aparelho percorreu em círculo fechado o terreno e aterrou, mansamente, a uns 50 metros do local em que me encontrava. Era algo surpreendente. Tinha aproximadamente 30 metros de diâmetro fora os rebordos, de um metro mais ou menos - e uns 5 metros de altura total. Era atravessado por uns tubos em diversas direções, seis dos quais deixavam ouvir o citado silvo, sem, entretanto, fazer fumaça. A parte que pousou no solo era provida de hastes curvas, que se arcaram um pouco mais ao tocar no chão. Ao todo parecia ser feito de um metal branco-cinza, diferente, porém, da prata. Enquanto eu examinava o seu conjunto, sem contudo me atrever a mexer no aparelho, verifiquei, ainda uma parede deixando ver uma janela provida de vidro ou coisa semelhante. Vi então, duas pessoas que me examinavam com ar de curiosidade. Essas pessoas, como constatei ao primeiro olhar, eram de aspecto estranho. Decorridos alguns segundos, uma delas voltou-se para o interior do aparelho e, ao que me parece, falar com alguém. Imediatamente, ouvi barulho no interior do mesmo e uma porta, por baixo do rebordo, se abriu, dando passagem a três pessoas, metidas dentro de uma espécie de macacão transparente, que as envolvia completamente, cabeça e tudo, e que estava inchado como uma câmara de ar de automóvel, cheia de ar comprimido. As costas, tinham um mochila de metal, que me pareceu ser parte integrante da vestimenta. Através desse macacão, eu via perfeitamente as pessoas vestidas de camiseta, calções e sandálias, não de fazenda, creio, mas de papel brilhante. Notei ainda que sua aparência estranha era devida aos olhos bem redondos, grandes, e sem sobrancelhas, tendo no entanto cílios e a calva bem pronunciada. Não tinham barba e suas cabeças eram grandes e redondas e as pernas mais compridas que as proporções que conhecemos. E quanto a altura, tinham uns trinta centímetros a mais do que eu, que tenho um metro e oitenta. O mais interessante e que pareciam irmãos gêmeos, tanto os de macacão quanto os que estavam a janela, por trás dos vidros. Um deles trazia um tubo do mesmo metal do aparelho na mão, pequeno tubo, e o apontava para mim. Notei que falavam entre si. Ouvia perfeitamente as palavras e, entretanto, nada entendia. Falavam uma língua que eu jamais ouvira, mas bonita e sonora. Apesar do seu avantajado porte, moviam-se com incrível agilidade e leveza, formando um

triângulo em minha volta. O que empunhava o tubo fez gestos indicando me que entrasse no aparelho. Ante esse gesto, aproximei-me da porta e só pude ver um pequeno cubículo, limitado por outra porta interior e a ponta de um cano vinha de dentro. Notei ainda diversas vigias redondas, na base da saliência ou rebordo. Comecei a falar, perguntando para onde me queriam levar com muitos gestos. Compreenderam a gesticulação e o que me pareceu o chefe fez no chão um ponto redondo cercado de sete círculos. Mostrando o Sol no espaço, indicou-me o sétimo círculo, apontando alternadamente esse círculo e o aparelho. Fiquei mudo de espanto. Sair do mundo com vida? Não era comigo! Diante disso refleti. A luta era-me impossível, pois eles eram mais fortes no físico e em número. Tive então uma idéia. Havia notado que eles evitavam ficar ao Sol. Assim, encaminhei-me para a sombra e, tirando do bolso a minha carteira, mostrei-lhe o retrato de minha esposa, dizendo-lhes que queria buscá-la, por meio de gestos. Não me detiveram. Sai e, dando graças a Deus, internei-me no mato, donde fiquei a espreitá-los. Brincavam como crianças, dando saltos e atirando longe pedras de tamanho descomunal. Decorrida meia hora, mais ou menos, depois de olharem detidamente os arredores, recolheram-se ao aparelho, que se ergueu no ar com o mesmo silvo, dirigindo-se para o norte, subindo até desaparecer nas nuvens. Jamais saberei se eram homens ou mulheres. Porém posso afirmar que, apesar das características que aponteí, são belos e aparentam ter esplêndida saúde. Por outro lado, é-me difícil traduzir em letras a sua linguagem. Contudo, recordo-me de duas palavras: ‘Alamo’ e ‘Orque’, aquele designando o Sol e esta o sétimo círculo do desenho. Se pudesse ter certeza de que voltaria, sabe Deus por onde andaria a estas horas! Teria sido um sonho? Teria sido realidade? Às vezes duvido de que isso tenha realmente acontecido, pois bem pode ser que tudo não tenha passado de um estranho mas belo sonho".



Ilustração 20 – Ufólogos Pablo Villarrubia Mauso e Carlos Alberto Machado com as testemunhas que confirmaram o avistamento de seres na Colônia Goio-Bang

Em 2010, o investigador espanhol Pablo Villarrubia Mauso acompanhado do veterano ufólogo curitibano Carlos Alberto Machado estiveram naquela região para coletar mais dados sobre o “Caso Higgins”.

Na cidade de Luiziana – PR, entrevistaram Olga Guedes Costin (de 60 anos na época) que contou o seguinte, confirmando a história: *“Minha mãe, Eleonor Walter Costin, sempre me contou a história de algo que desceu do céu e de onde vieram os três homens muito altos, carecas, sem sobrancelhas e de cabeça redonda... Trabalhadores que estavam com o senhor José viram o objeto, mas, assustados, correram. O engenheiro ficou e viu os seres coletarem estranhas coisas no solo... Era a história que minha mãe ouviu e nos contou. Eram pessoas de outro mundo, dizia ela! Eu e minha irmã sempre tivemos medo desta história”*.



Ilustração 21 – Caso foi divulgado na revista “O Cruzeiro”

Abdução no Brasil Colônia?

Nos primórdios da colonização do Brasil, muitos fenômenos insólitos eram observados pelos primeiros colonizadores, pelos jesuítas e pelos índios e foram inclusive, objeto de registro em cartas e documentos históricos ou até mesmo chegaram aos nossos dias atuais em forma de lendas.

No início do ano de 2008, este autor entrou em contato com o pesquisador Celso de Martin Serqueira para saber mais a respeito de um suposto caso de abdução acontecido em 1558, na época do Brasil Colônia, no estado do Espírito Santo. Celso, na época, indicou algumas fontes de pesquisa e solicitou que eu entrasse em contato com o historiador capixaba, Clério José Borges de Sant'Anna que chegou inclusive, a publicar o caso em trabalho acadêmico de sua autoria.

Soube-se então que, no dia 20 de janeiro de 1558, foi realizado o batismo do indígena Manemuaçu, irmão de Araribóia – que passou a se chamar Sebastião de Lemos. No mesmo dia celebrou-se o seu casamento religioso com a índia que era sua companheira. Poucos dias depois, Sebastião de Lemos sumiu por quase duas semanas, quando então reapareceu na aldeia em estado de choque e dizendo coisas desconexas. Dizia ainda que tinha sido raptado por seres estranhos que o levaram à um lugar desconhecido. Apesar de ter sido amparado por sua tribo e sendo cuidado pelos jesuítas, acabou falecendo meses depois, exatamente no dia 2 de abril, conforme relato do jesuíta Francisco Pires, resgatado pelo historiador capixaba.

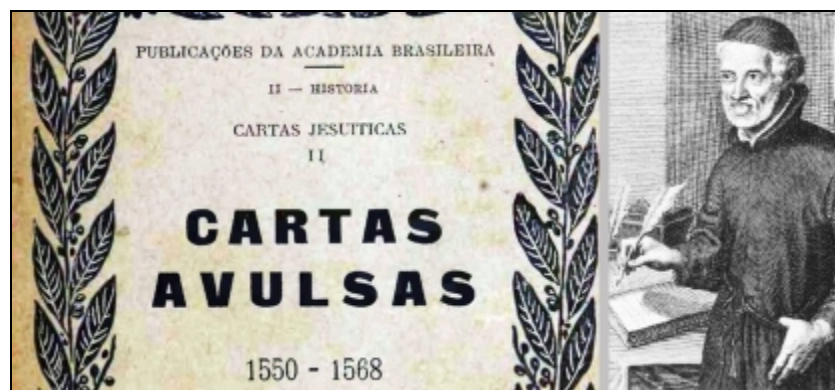


Ilustração 22 – Cartas jesuíticas relatariam uma abdução?

Na carta datada de 13 de Junho de 1559, do jesuíta Antônio de Sá, se reforçam as suspeitas de abdução. Vejamos a seguir o teor da carta:

“Vasco Fernandes, nosso principal, tinha um filho por nome Manemuaçu, o qual estava muito doente na aldeia da vila. Estando ele assim, numa noite de grande tempestade o tomaram os demônios em corpo e com grande estrondo o levaram, arrastando e maltratando. O padre Braz Lourenço o foi a consolar (ao pai de Manemuaçu), dando-lhe a esperança que, se não era morto, ele apareceria, como de fato daí a três dias apareceu. O pobre índio contava que, depois de havê-lo posto no porto de João Ramalho, o levaram a Santo Antônio com tanto ímpeto e clamor que a si mesmo não podia ouvir nem entender; daqui o puseram no porto de Jaravaia e, por concluir, diz que o puseram entre muitos outros, onde se fizeram muito mal. Aqui viu fogos e mui horríveis. Finalmente, depois de todos estes martírios, o arrojaram entre uns mangues, onde se maltratara muito e ficara fora de si com tantos tormentos como passara, que por isso não conhecia os seus quando deram sobre ele e fugia deles como se foram demônios. Tudo isso permite o Senhor para que venha a conhecimento da sua lei, considerando o domínio do demônio”.

Destaco certos aspectos deste episódio fantástico narrado neste documento histórico pelo religioso, como por exemplo, o fato de ter sido levado *“com grande estrondo”* na hora do rapto, a rapidez no deslocamento, os *“fogos e mui horríveis”*, pois que tipo de fogo seria este, já que se supõe que o indígena conhecia o fogo natural... Parece também que Sebastião de Lemos não era o único seqüestrado pela seguinte expressão da carta: *“o puseram entre muitos outros”*.

Ufólogos na atualidade, após examinarem os dados históricos apresentados nestas cartas e comparando-os com as características de um contato ufológico, chegaram a conclusão que talvez este seja o primeiro caso de abdução registrado no início da colonização brasileira.

Primeira abdução em São Paulo

Este autor juntamente com os pesquisadores José Carlos Rocha Vieira Júnior e Pablo Villarrubia Mauso fizeram novas descobertas sobre um caso que pode ter sido a primeira abdução registrada com riqueza de detalhes no Brasil. Esta pesquisa foi realizada nos dias 21 e 22 de julho de 2010.



Ilustração 23 – Pesquisador José Carlos, a testemunha senhor José Florêncio, o pesquisador espanhol Pablo Villarrubia e o autor, durante as entrevistas em Campinas, no interior de São Paulo

Este episódio ocorrido em um sábado de 1931, foi inicialmente investigado pelo jornalista e músico Cataldo Bove, e teria ocorrido na Rua Sampaio Peixoto, no bairro do Cambuí, em Campinas, estado de São Paulo, com o protagonista José Florêncio.



Ilustração 24 – José Florêncio com os desenhos feitos na época do objeto voador e dos seres que o abduziram em Campinas – SP, em 1931

Contou o senhor José Florêncio aos pesquisadores que na época do fato ele tinha 8 para 9 anos de idade e naquela tarde fatídica ele jogou bola até por volta das 17:00 horas com outros garotos e no retorno para sua casa que ficava na chácara Júlio Vitorino, notou o aparecimento repentino de um OVNI na cor de chumbo e que fazia um ruído “*de motor de geladeira*”.

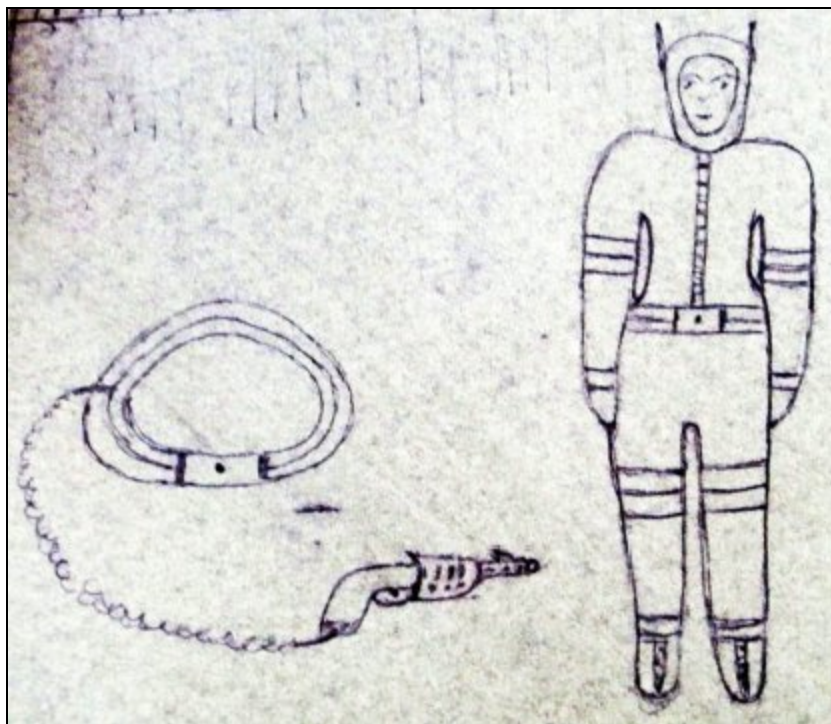


Ilustração 25 – Desenho do ser que levou José Florêncio à bordo da nave espacial

“Veio aquela coisa redonda e eu comecei a correr. Quando vi, já estava parando a um metro de mim e a uns 60 centímetros do solo. Desceu uma escadinha que tocou no chão. A porta se abriu e rápido um deles me tocou no ombro e me apanhou. Quando vi, já estava na porta, a porta aberta para dentro do disco e tinha um tripulante com capacete de cada lado da porta, além do que estava comigo. Comecei a gritar, mas não tinha ninguém para me socorrer e fiquei a mercê deles”, disse o abduzido.

Quanto à fisionomia e aparência dos seres abdutores, José Florêncio disse que tinham 1,60 metros de altura, eram de pele morena, olhos azuis, boca pequena, rosto afilado e cabelos aloirados. Disse ainda, que não tinham pelos (tipo bigode) e as suas roupas, luvas e capacetes (com antenas) era da tonalidade verde-oliva cintilantes. Apenas as botas eram pretas. Sobre a comunicação, afirmou que era ininteligível e por mímica.

Dentro da nave, ele chorou muito e percebeu que a porta por dentro era fechada por uma espécie de roda volante (similares as que existem em submarinos). Contou José Florêncio também que, o piso da nave *“era xadrez, quadradinho e feito de metal, amarelinho, amarelinho, brilhava muito!”*. Primeiramente, ele foi conduzido à parte frontal do aparelho onde viu alguns componentes do que pareceu ser a sala de controle. *“Ele tirou aquela máscara e me levou na frente do aparelho, onde tinha um painel.*

Não tinha volante, tinha alavancas e bastante luzes vermelhas, verdes, amarelas e roxas. E tinha umas que eram um pisca-pisca, ora amarela, ora vermelha e ora verde... Na frente do painel tinha outra pessoa e era uma mulher e ela dirigia aquela coisa. Ela tirou o capacete também e tocou no meu rosto com sua mão tentando me acalmar”, disse José Florêncio aos pesquisadores.

O abduzido foi então, levado para a parte trazeira do objeto voador, onde foram feitos vários exames. *“Tirei a camisa e o chefe ajudou-me a desabotoá-la. Ele colocou uma toalha gelada nas minhas costas e me examinou as costas, o coração, os olhos e abriu a minha boca. Depois, arrumei a calça meia-cana e ele me ajudou a abotoar a camisa novamente”,* disse ele lembrando da experiência.



Ilustração 26 – José Florêncio com o autor

Depois disso, o garoto foi levado e colocado em *“um buraco na parede”* e o comandante da nave estalou os dedos. Em ato contínuo, apareceram duas faixas (semelhante ao cinturão de bombeiros) que prenderam o garoto na cabeça e pela cintura. *“Eu só conseguia mexer os olhos, os braços e os pés. Mas, não conseguia sair dali”,* disse ele.

Daquele lugar onde a testemunha estava parcialmente imobilizada era possível olhar através de uma janela e em certo momento ele notou que o comandante estalou os dedos novamente e um outro ser pegou um vasilhame de cor de chumbo, que estava embutido na parede e, após levantar uma espécie de tampa no centro do objeto, despejou um líquido

metálico de cor escura. Foi então que a nave começou a voar produzindo um ruído característico. *“Eu vi quando passamos por cima de uma depuradora do Departamento de Água e Esgoto, depois uma mangueira e fomos para a olaria que ficava na Rua Lopes Trovão...”*, contou. Depois, o OVNI aparentemente saiu de órbita, pois a testemunha disse que viu enxames de estrelas pela janela e o que lhe pareceu ser alguns planetas.

Depois de algum tempo que a vítima não soube precisar, ele foi solto e trazido de volta ao mesmo local da captura. *“Fui devolvido pelo chefe. A mulher ficou lá dentro. Ele me deu uns tapinhas no ombro, como quem diz: ‘Pode ir embora’. Eu tentei correr, mas me acalmei e fui andando e, uma luz focalizava em mim durante o meu caminho até chegar em casa”*, lembrou ele.

Quando foi deixado pela nave, José Florêncio pode observar melhor a forma externa da nave espacial que era toda iluminada com luzes azuladas ao redor da estrutura que piscavam todas ao mesmo tempo. Na cúpula do disco voador havia uma luz vermelha. O OVNI partiu produzindo o mesmo ruído de motor de geladeira.

Ao entrar em casa ele constatou que já era uma hora da madrugada e seus pais estavam desesperados com o seu sumiço. Contou detalhadamente a aventura a eles e seus parentes acharam que ele estava ficando louco. *“Eu disse para meu pai que estava numa coisa e tomei umas palmadas dele. Depois fui dormir, pois estava nervoso e não comi nada. No dia seguinte acordei às 9 horas. Quando fui para a escola e ainda não me sentia bem, eu vi que no lugar da aparição, o lugar estava todo varridinho, varridinho, a terra formando um redondo”*, disse José Florêncio.

No dia seguinte, começou a surgir no corpo dele, algumas feridas inexplicáveis do ombro para baixo, que pareciam picadas de insetos. Também surgiram frieiras nos pés. Como sua mãe trabalhava na Santa Casa de Misericórdia de Campinas, foi facilitada a internação do garoto.

O médico, doutor Roldão e Toledo, diagnosticou amarelão e tratou José com vermífugo, com *Pílulas do Doutor Ross* e *Biotônico Fontoura*. Depois de um mês e meio, o abduzido recebeu alta, pois as feridas que coçavam desapareceram por completo. Todavia, ele ficou ainda trabalhando por alguns meses no hospital a convite do médico. Hoje, José Florêncio acha que a doença foi ocasionada pelo estranho contato com aqueles seres estranhos.

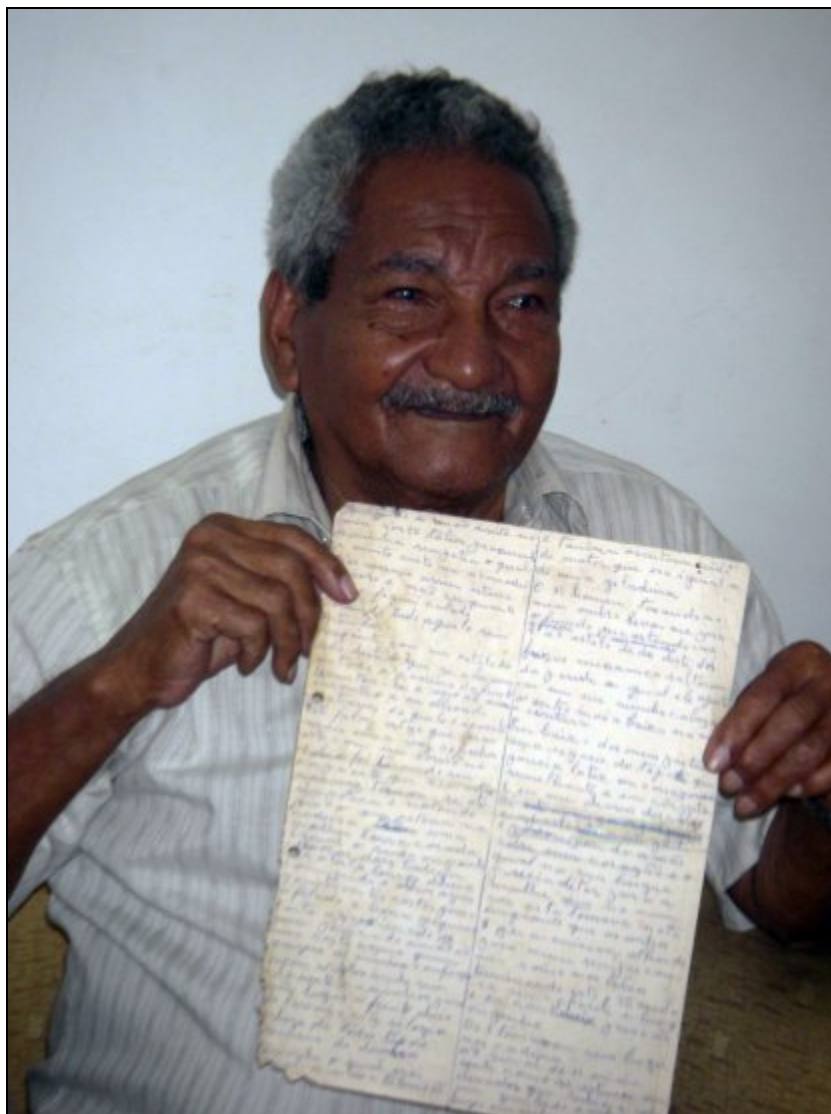


Ilustração 27 – José Florêncio com os relatórios originais da época sobre o seu caso de abdução ocorrido em 1931

Uma revelação espantosa!

Este último caso que abordarei, ocorreu em 1939, uns dois ou três meses antes do início da Segunda Guerra Mundial, e foi divulgado inicialmente na obra: *“A História do Ocultismo Século XX: Ciência e Futurologia”*.

O fato se passou em um local conhecido como Serra do Gordo, que dista cerca de 15 quilômetros da sede do município de Coroaci, no estado de Minas Gerais, com a Família Lucindo, que na época, procurava insistentemente encontrar uma jazida de mica.

Desde o início do ano de 1939, a família Lucindo, composta de pai, três filhos homens e um genro do velho João Lucindo, trabalhavam incessantemente abrindo túneis a procura do mineral, todavia sem obter sucesso.

Em meados de julho, com os seus recursos financeiros se exaurindo, a família de garimpeiros começou a desanimar daquela exploração.

Vicente Lucindo, o mais novo dos três irmãos, era o cozinheiro do grupo e foi buscar água. Entretanto, o percurso até a nascente era distante. O dia já estava escurecendo e ele viveria uma experiência inesperada e reveladora, com seres estranhos, contra os quais a sua famosa e respeitada espingarda cartucheira de nada valeria.

Contou ele que: *“Quando me aproximava da nascente, comecei a ouvir um silvo prolongado, uma espécie de ‘zziiiiiii’ que não fui capaz de identificar com coisa nenhuma conhecida, nada que eu já tivesse ouvido. Comecei a olhar para um e outro lado da trilha, para trás e para frente à procura do que estaria produzindo aquele chiado. Lembrei-me de olhar para cima e não vi nada. Então, pensei que talvez estivesse com algum problema nos ouvidos. Parei à beira da nascente e coloquei a lata no chão. Já escurecera de todo, mas a claridade da luz passando entre as copas das árvores me permitia uma boa visão do local. Lembro-me bem de que eu estava aborrecido e intrigado com o ruído que continuava incessante em meus ouvidos. Abaixei-me para encher a lata de água na bica baixa que tínhamos colocado na nascente. Foi então que notei uma claridade diferente no local. Larguei a lata de repente e me levantei com a espingarda*

na mão, fiz meia volta em direção à trilha, pronto para disparar contra qualquer coisa que aparecesse. Eu tivera a impressão que a claridade fora provocada pelo foco de uma grande lanterna de pilhas, dessas que funcionam com quatro elementos e que muitos garimpeiros apreciam ter para suas saídas noturnas. Verifiquei rapidamente que não havia ninguém nas imediações e que eu me encontrava sempre no centro do círculo de claridade, que calculei que teria uns cinco metros de diâmetro. Interessante foi constatar que embora eu me movesse para um e para outro lado, para frente e para trás, permanecia sempre no centro do círculo. Aos poucos notei que já não podia me mover do lugar onde eu me encontrava, como se meus pés estivessem colados ao chão da clareira. E foi então que eles apareceram”.



Ilustração 28 – Desenho de Jamil Vila Nova demonstrando o sequestro de Vicente Lucindo em Coroaci - MG

O jovem Vicente Lucindo observou dois homens altos, que segundo sua estimativa teria no mínimo 1,80 metros de altura, cada um. Porém,

devido à claridade não conseguiu ver detalhes dos rostos daqueles seres que vestiam uma roupa metálica cobrindo os seus pés até o pescoço.

“De repente entendi que estavam me dando uma ordem e olhei para cima: não vi as copas das árvores e, a uma altura de talvez uns cinqüenta metros, pairava um objeto parecendo um enorme prato de fundo para baixo, que girava sobre si mesmo sem sair do lugar e era dele que vinha o silvo que eu escutava. A seguir, ainda olhando para cima, como que magnetizado pelo foco de luz que descia do estranho prato, vi que no seu fundo se abria uma espécie de escotilha através da qual pude perceber claridade intensa dentro dele. Percebi que um, não me lembro bem se os dois, dos seres estranhos que estavam comigo em terra, pegou-me pelo braço e subi com ele, com uma sensação de que estava sendo sugado e entramos pela escotilha da nave misteriosa. Pareceu-me ter entrado num imenso laboratório que poderia se prestar para inúmeros fins. Comecei a sentir certo embotamento nos sentidos, mas percebi bem que me despiam e que a seguir fui submetido a diversos exames fisiológicos. Entendi também que um deles me dizia que nada de mal iria me acontecer e que eles iriam prestar a mim e a minha família um grande benefício”, disse ele.

A partir deste instante, o abduzido só se lembra de chegar ao acampamento trazendo a lata de água cheia na cabeça, onde seu pai e um dos irmãos se encontravam preocupados com o tempo excessivo que ele demorou na nascente.

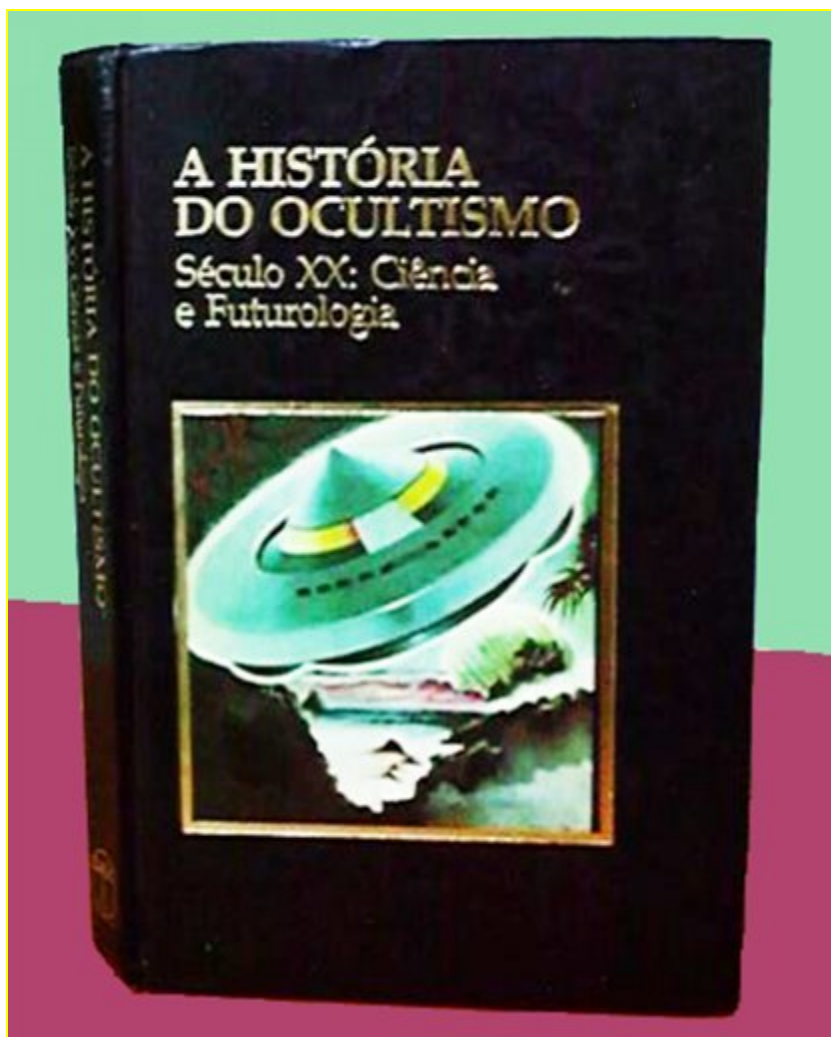


Ilustração 29 – Livro que cita o caso de Coroaci - MG

Vicente Lucindo inventou outra estória, dizendo que perseguiu uma paca. Esta desculpa foi para encobrir a demora, pois não queria ser criticado pela incredulidade de seu pai e dos demais membros da sua família. Após isso, foram dormir, mas ele não conseguia fechar os olhos pensando no ocorrido. “*Já era madrugada, o dia não tardaria a amanhecer, quando, não sei se dormindo ou acordado, lembrei-me de que um dos extraterrestres me dissera: ‘Abram um túnel do outro lado da montanha, no mesmo nível e a 10 metros à direita de uma grande rocha que encontrarão lá sem grande trabalho. Sigam com o túnel em linha reta para o interior da montanha e antes de atingirem a profundidade de 30 metros vão encontrar muito minério de malacacheta’.* Lembrava-me bem de ter ouvido o estranho personagem dizer ‘malacacheta’ e não ‘mica’, como nós dizíamos. Mas eu sabia que a significação era a mesma. Como eu poderia dizer isso a meus companheiros? Depois de muito pensar no assunto, resolvi falar sobre um

hipotético sonho que tivera, durante o qual a revelação me fora feita. Mas antes de fazer isso, eu fui sozinho procurar a rocha. Para minha surpresa e alegria, não foi difícil encontrá-la. Então eu não fora, como estava desconfiado, vítima de uma desconcertante alucinação. Conteí a meu pai o ‘sonho’ e ele foi comigo do outro lado da montanha para ver a grande pedra que eu tinha descoberto. No mesmo dia começamos a abrir o túnel de exploração 10 metros à direita dela. Menos de um mês depois, com 27 metros de profundidade encontramos o minério e, como me fora dito pelo extraterrestre, em grande quantidade”, contou o jovem.

Conclusão final?

Após todos estes relatos extraordinários, percebe-se que a casuística ufológica brasileira é riquíssima e não perde em nada para casos ocorridos antes da “Era Moderna dos Discos Voadores” e registrados em outras partes do planeta.

Uma curiosidade no relato de alguns casos descritos neste livro é o fato de que os tripulantes do caso de 1925 (Santos - SP), de 1934 (Vila Velha - ES), de 1946 (Guarujá - SP) e de 1947 (Pitanga - PR) possuíam um instrumento em forma de bastão ou varinha, que também já foi descrito em vários outros episódios ocorridos no Brasil e no exterior, em diversas épocas.

Também é notório o fato de que alguns destes seres portam capacetes em suas cabeças, como narrado pelas testemunhas no caso de 1925 (Juiz de Fora – MG) e no caso de 1931 (Campinas – SP). Na casuística ufológica atual encontramos vários relatos de seres com capacetes e vale salientar que na lenda indígena da nação Kaiapó, o ser mítico “*Bep-Kororoti*” também portava uma espécie de capacete. Tanto é que até nos dias atuais, durante os seus rituais, eles reproduzem com a palha existente no local aquele item da vestimenta. Trata-se de uma forma de caracterizar com os meios disponíveis o aparato em “*forma de capacete*” que eles observaram na cabeça dele naquela época.

Comparando os trajes do tripulante do primeiro caso de abdução ocorrido em Campinas - SP, com as vestimentas do “Caso Tiago Machado”, ocorrido em 1969 (Pirassununga – SP) e também com outro caso ocorrido em 1977 (Chapada das Mesas – MA), durante a “Onda Chupa-Chupa” (pesquisada pela Aeronáutica), notamos que são incrivelmente semelhantes!

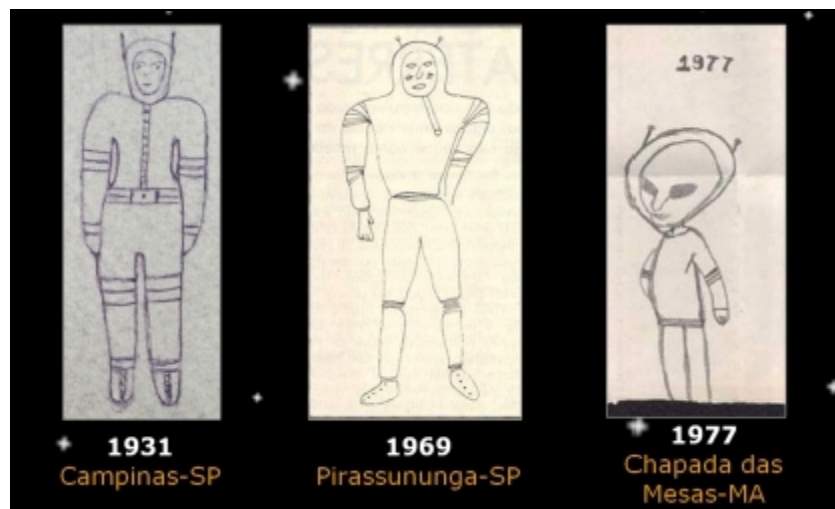


Ilustração 30 – Desenhos descritivos de 3 casos de diferentes épocas mas similares nos detalhes da vestimenta

O prefaciador deste livro, Josef Prado esteve pessoalmente na NASA e se surpreendeu ao ver um traje espacial de atividade extra-veicular RX-2, que possuía extraordinária semelhança com as 3 descrições acima e, principalmente, com a vestimenta do abductor do senhor José Florêncio.



Ilustração 31 – Traje espacial criado pelas Indústrias Litton, para a NASA, em 1963: Incrível semelhança!

É oportuno registrar também que o Fenômeno OVNI era desconhecido naqueles tempos da população e, portanto, muitos fenômenos aéreos inexplicáveis eram catalogados antigamente como manifestações naturais, astronômicas e por vezes, seus tripulantes tachados de assombrações, demônios, duendes, lendas e mitos.

Os casos descritos neste livro são uma amostragem tupiniquim de que há registros de tripulantes estranhos, associados aos OVNI's ou não, desde o mais remoto tempo. Eles foram avistados por muitas pessoas dignas de crédito, mas apenas uma quantidade ínfima destes relatos chegou ao conhecimento dos pesquisadores nos dias de hoje.

Na atualidade é estimado que 90% dos relatos conhecidos não são reais ou se tratam de erro de interpretação, fenômenos naturais, meteorológicos, astronômicos ou fraudes. Todavia, os 10% restantes se tratam de um respaldo incontestável para a hipótese da visitação da Terra por inteligências desconhecidas que se utilizam de uma tecnologia, aparentemente, avançada.

A seriedade e integridade das testemunhas que viveram estas insólitas experiências são o combustível e a motivação para que eu continue a pesquisa no aprimoramento desta teoria da possibilidade de estarmos sendo visitados por seres diferentes dos terráqueos, há muito tempo.

Assim, finalizo esta obra com a convicção de que algo está acontecendo e já ocorria em território nacional em tempos remotos. Não podemos ignorar esta realidade e nos calar diante de tantos fatos expressivos e inexplicados pela Ciência!

E você o que acha? Existiriam tripulantes dos objetos voadores não identificados que nos visitaram em séculos passados?

Bibliografia

LIVROS

- BENTHALL, Jonathan. "The best of anthropology today" – Parte 5 – Editora Routledge – 2002.
- COELHO, Abílio C. "A história do ocultismo século XX: ciência e futurologia" – Editora Fase Ltda – 1982.
- DÄNIKEN, Erich von. "Eram os deuses astronautas?". 27ª ed. – Edições Melhoramentos – 1977.
- FALEIRO, Antonio P. S. "Discos voadores e seres extraterrestres no folclore brasileiro: Estudo comparativo e analítico da interação de entidades alienígenas na formação, evolução e tradição folclórica em nosso país". 1ª ed. – 1991.

PERIÓDICOS

- Boletim "SBEDV" Especial, publicado por Walter Karl Bühler – 1975.
- Boletim "SUPYSÁUA" nº 11, publicado pelo GUG – Grupo Ufológico de Guarujá – SP – Março e Abril de 1987.
- Boletim "SUPYSÁUA" nº 17, publicado pelo GUG – Grupo Ufológico de Guarujá – SP – Janeiro a Março de 1990.
- Boletim "SUPYSÁUA" nº 21, publicado pelo GUG – Grupo Ufológico de Guarujá – SP – Janeiro a Março de 1991.
- Boletim "SUPYSÁUA" nº 38, publicado pelo GUG – Grupo Ufológico de Guarujá – SP – Outubro a Dezembro de 1995.
- CARTAS AVULSAS 1550-1568 (Cartas Jesuíticas) – Academia Brasileira – Rio de Janeiro – RJ – 1931.
- Jornal "A NOITE". São Paulo – SP - 15 de agosto de 1947.
- Jornal "DIÁRIO DA TARDE". 08 de agosto de 1947.
- Jornal "O COMBATE" nº 2868. São Paulo – SP – 16 de janeiro de 1925.
- Jornal "O FIFÓ" nº 14. Cuiabá – MT – 12 de abril de 1925.

- Revista “FON-FON” nº 15. Rio de Janeiro – RJ – 11/04/1925.
- Revista “O CRUZEIRO”. Rio de Janeiro – RJ – 29 de março de 1972.
- Revista “REPORTE OVNI” nº 53. México – Julho de 1995.

FONTE DAS ILUSTRAÇÕES

- Capa: Desenho de Philipe Kling David.
- Ilustração nº 1, 2, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27 e 29: Arquivo GUG – Grupo Ufológico de Guarujá.
- Ilustração nº 3 e 31: Arquivo BURN – Brazilian Ufo Research Network (www.portalburn.com.br), de Josef David S. Prado.
- Ilustração nº 6: Montagem artística realizada por Edison Boaventura Júnior com duas páginas de periódicos estrangeiros.
- Ilustração nº 9: Revista Fon-Fon.
- Ilustração nº 15 e 28: Desenhos de Jamil Vila Nova, Arquivo GUG – Grupo Ufológico de Guarujá.
- Ilustração nº 17: Foto de Jamil Vila Nova, Arquivo GUG – Grupo Ufológico de Guarujá.
- Ilustração nº 20: Arquivo CIPEX – Centro de Investigação e Pesquisa Exobiológica, de Carlos Alberto Machado.
- Ilustração nº 30: Montagem comparativa realizada por Edison Boaventura Júnior com três casos ufológicos, Arquivo GUG – Grupo Ufológico de Guarujá.